



## **Ensaio preliminar sobre violência de gênero no ambiente universitário em uma universidade pública do Paraná**

Elisangela Aparecida da Silva Lizzi<sup>1</sup>; Maria Cristina Cavaleiro<sup>2</sup>

### **Resumo**

A violência de gênero se trata de um fenômeno com incidência em todos os âmbitos sociais. Um fato que merece investigação na educação superior. Assim, a proposta deste artigo consiste em apresentar resultados preliminares da pesquisa “Rompendo o silêncio: violência de gênero no ambiente universitário”, que buscou caracterizar e estimar a prevalência da violência de gênero em uma universidade pública multicampi do estado do Paraná. Trata-se de um estudo transversal quantitativo obtido de amostra composta por 647 respondentes. Destaca-se que 71% de respondentes são mulheres, na faixa etária de 18 a 23 anos (81%). Os dados coletados permitiram identificar diversas situações caracterizadas como violência de gênero, sendo que os agressores na maioria dos casos são homens. Do total de respondentes, 81% não reportam as violências sofridas para algum órgão da universidade. Esses achados preliminares possibilitam desvelar um cenário de práticas de diversos tipos de violências e de omissões institucionais.

**Palavras-chave:** violência de gênero; universidade; estudo observacional.

---

<sup>1</sup> Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Doutora em Ciências, e-mail: elisangelalizzi@utfpr.edu.br

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Norte do Paraná, Doutora em Educação, e-mail: mariacristina@uenp.edu.br

## **Preliminary test about gender violence at university environment in a public university - Paraná**

### **Abstract**

Gender-based violence is a incidence phenomenon that affects all social spheres. A fact that deserves research in college education. Thus, the goal of this article is to present preliminary results of the research “Breaking the silence: gender violence in the university environment”, which sought to characterize and estimate the prevalence of gender violence in a public university in the state of Paraná. This is a quantitative cross-sectional study obtained from a sample of 647 respondents. It is noteworthy that 71% of respondents are women, aged 18 to 23 years (81%). The collected data allowed to identify several situations characterized as gender violence, being that the aggressors in most cases are men. Of the total respondents, 81% do not report the violence suffered to any university body. These preliminary findings make it possible to disclose scenario of practices of various types of violence and institutional omissions.

**Keywords:** gender violence; university; observational study.

### **Introdução**

A violência é um fenômeno social, complexo, multicausal e histórico, que atinge toda a sociedade em diferentes graus. Trata-se de termo de difícil definição, carregado de polissemia cujo alcance nas sociedades ocidentais inclui atos e situações diversas. Essa proliferação de significados, nem sempre coerente com a acuidade das características do significante, “obriga a que se faça um esforço de reflexão, procurando identificar por detrás do termo os processos e as dinâmicas sociais que estão associadas à atribuição de tal rótulo” (PERDIGÃO *et al*, 2014, p. 24).

Para a Organização Mundial da Saúde, violência é definida como o uso intencional da força física ou poder em forma de ameaça ou efetivamente, contra si mesmo, outra pessoa, grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesão, morte, dano psíquico, alterações do desenvolvimento

ou privações (KRUG *et al.*, 2002). Importante destacar que essa definição vincula a intencionalidade com a realização do ato, independentemente do resultado produzido. O acréscimo da palavra “poder”, completando a frase “uso de força física”, amplia a compreensão da natureza de um ato violento, expandindo-se o conceito usual de violência para incluir os atos que resultam de uma relação de poder, incluindo ameaças e intimidação. (DAHLBERG; KRUG, 2007, p. 1165).

Por sua vez, o conceito de violência de gênero também recebe diferentes definições entre disciplinas, pressupostos teóricos e objetivos de investigação, evidenciando a complexidade do fenômeno. Atinente a definição de Scott (1990, p.16) “o gênero é o primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”. Nessa perspectiva, o uso da expressão violência de gênero “designa a produção da violência em um contexto de relações produzidas socialmente” (ALMEIDA, 2007, p.24), sustentada em um quadro que expõe múltiplas opressões, que

fundam-se e fecundam-se a partir da matriz hegemônica de gênero, ou seja, das concepções dominantes de feminilidade e masculinidade, que vão se configurando a partir de disputas simbólicas e materiais, processadas, dentre outros espaços, nas instituições cuja funcionalidade no processo de reprodução social é inconteste – marcadamente, a família, a escola, a igreja e os meios de comunicação – e materializadas, ainda, nas relações de trabalho, no quadro político-partidário, nas relações sindicais e na divisão sexual do trabalho. Trata-se de processo macro e micro político, que se desenvolve em escala societal e interpessoal (ALMEIDA, 2007, p. 28).

O Comitê Permanente entre Organismos (IASC), define que “violência de gênero é um termo geral que se refere a todo ato lesivo imputado contra a vontade de uma pessoa e que se baseia em diferenças de caráter social (gênero) entre homens e mulheres. Tais atos podem ser cometidos em ambientes públicos ou privados” (IASC,

2015, p.5). Assim, além das mulheres, outras pessoas também podem ser inseridas em situações de violência, pois nem toda violência de gênero recai sobre a mulher, a exemplo daquela praticada contra crianças, adolescentes, homossexuais, transexuais e transgêneros.

Sem dúvida, as universidades, assim como outros estabelecimentos de ensino brasileiros, estão atravessadas por marcadores sociais de diferenciação, tais como classe, raça, gênero, território, sexualidade, entre outros, o que produz desigualdades e materializa a violência de gênero, expressa em suas múltiplas formas (NARDI *et al*, 2013). Reflexões sobre seu enfrentamento se entrecruzam nas pesquisas com o objetivo de desvelar as distintas formas dessa violência que incidem no direito à vida, à segurança e à liberdade.

Revisão sistemática realizada por VALLS *et al* (2007) sobre a violência de gênero no contexto universitário constata que uma parte importante destas investigações no mundo são desenvolvidas nos Estados Unidos e Canadá. Contudo, a visibilidade da temática da violência de gênero no ambiente universitário nos estudos acadêmicos ainda é recente (BELLINI, 2018). Por muito tempo silenciada essa violência passa a ser denunciada e intensificarem-se – especialmente na web – denúncias e debates sobre violência de gênero nos campi das universidades brasileiras (públicas e privadas) (GELEDÉS, 2014). A primeira pesquisa - de cunho nacional - foi realizada pelo Instituto Avon e Data Popular, sob o título “Violência contra a mulher no ambiente universitário” (DATA POPULAR/ INSTITUTO AVON, 2015). Os resultados, de modo sintético, revelaram que assédio e violência sexual fazem parte do cotidiano universitário. As estudantes sentem medo de sofrer violências nas dependências da universidade e evitam algumas atividades de ensino, pesquisa e extensão para se protegerem.

Segundo a pesquisadora Mercedes Prieto, “2018 foi um ano marcado, na América Latina, por mulheres nas ruas, ocupando estabelecimentos de ensino e no ciberespaço denunciando a violência de gênero e o assédio sexual no meio acadêmico” (PRIETO, 2019, p. 15,

tradução nossa).<sup>3</sup> A esse respeito, na USP, a Rede Não Cala, composta por grupo de professoras e pesquisadoras contra a violência de gênero, em conjunto com outros coletivos, impulsionou a criação de órgãos administrativos e mobilizou a comunidade para realizar esse enfrentamento (CRUZ *et al*, 2018).

De tal modo, a proposta do artigo consiste apresentar resultados preliminares da pesquisa “Rompendo o silêncio: violência de gênero no ambiente universitário”, cujo objetivo consistiu em caracterizar e estimar a prevalência da violência de gênero com estudantes em diferentes cursos da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Assim, no escopo deste artigo, destacamos o levantamento quantitativo das respostas sobre: situações de violência, identificação dessas situações - se já sofreu esse tipo de violência e quem foi o (a) agressor (a) - e se essas situações são reportadas para a instituição de ensino (e por qual motivo).

### **Caminho percorrido: métodos**

A pesquisa se realizou na Universidade do Estado do Norte do Paraná (UENP). Com organização na forma multicampi, essa universidade é descentralizada geograficamente e tem sede na cidade de Jacarezinho, Estado do Paraná, e campi nas cidades de Jacarezinho, Bandeirantes e Cornélio Procópio, oferecendo vinte e cinco cursos graduação (bacharelado e licenciatura), ofertados nos períodos matutino, vespertino e noturno. A população de estudo foi composta por estudantes matriculados (a) e ativos (as), até o terceiro ano ou até o quinto período (semestre) desses cursos, abrangendo, 4341 estudantes - conforme dados obtidos no sistema de registro acadêmico da universidade no mês de junho de 2019.

---

<sup>3</sup> Ver notícia veiculada em mídia regional do Paraná, sobre investigação de estupro de uma estudante da Universidade Estadual do Norte do Paraná, no ano de 2018. Em: Folha Extra. Polícia Civil investiga caso de violência sexual na UENP. Seção Radar. Disponível em: <<https://www.folhaextra.com/noticia/policia-civil-investiga-caso-de-violencia-sexual-na-uenp>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

A investigação delineou-se como estudo transversal com abordagem quantitativa. O levantamento das informações foi realizado por meio de um questionário<sup>4</sup> eletrônico estruturado, consolidado e construído para pesquisa em questão, com um estudo piloto (n=80) para calibração do instrumento e revisão de questões. Após esta etapa, obteve-se a listagem de e-mails dos alunos do primeiro ano até quinto ano dos cursos de graduação pelo sistema de registro acadêmico. A seguir, foram enviados convites para participação na pesquisa juntamente com o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Como se trata de um instrumento de auto preenchimento, este somente era liberado para os respondentes que recebiam o e-mail e aceitassem os termos éticos da pesquisa, descrito na primeira página eletrônica ao qual eram direcionados. Depois da leitura do TCLE e aceite dos termos, o (a) respondente era encaminhado (a) automaticamente para o questionário completo.

Em vista da organização multicampi, o delineamento amostral da pesquisa foi feito utilizando amostragem aleatória estratificada, na qual cada estrato refere-se a cada campus da universidade. O período da coleta de dados esteve aberto entre os meses de setembro até novembro do ano de 2019, com envio semanal do convite da pesquisa para o e-mail cadastrado. Após este período obteve-se uma amostra consolidada com 647 respondentes que colaboraram com a pesquisa. Sobre as considerações éticas, atendeu-se à Resolução nº 466/12 e Resolução n. 510/16, sendo o estudo submetido e homologado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da universidade. Somente foram incluídos (as) estudantes de graduação maiores de 18 anos regulares e ativos (as).

Para o procedimento de análise estatística dos dados, contou-se com uma breve descrição dos achados utilizando medidas descritivas

---

<sup>4</sup> As pesquisas feitas pela Fundação Perseu Abramo/Instituto Rosa de Luxemburgo (2010); Data Popular/Instituto Avon (2015) e o estudo Violência de Gênero na Universidade: saindo da Invisibilidade (FABRO *et al.*, 2017), contribuíram sobremaneira para organizar nosso questionário, composto por 28 perguntas.

como frequência e percentual, bem como gráficos ilustrativos. Para análise de questões elaboradas para respostas abertas, os resultados foram sumarizados, destacando-se as expressões mais frequentes. Para auxiliar com as quantificações e análises utilizou-se o programa *R* (R. CORE TEAM, 2018) e planilhas eletrônicas do *Microsoft Excel*. A seguir, para o escopo deste artigo, apresentamos alguns resultados coletados e análises.

### **Resultados preliminares da pesquisa**

Dentre os (as) estudantes colaboradores (as) da pesquisa, destaca-se que a maior proporção (81%) está na faixa etária de 18 à 23 anos, 71% são do sexo feminino, 65% declaram-se brancos, 32% pretos/pardos, 1,5% amarelos e 0,5% indígenas.

Quando indagados (as) sobre as situações que entendem como violência de gênero, as repostas estão na tabela 1, com os respectivos quantitativos.

**Tabela 1:** Descrição sobre o quantitativo relacionado às situações que estudantes entendem como violência de gênero.

<b>Situações que entendem como violência de gênero.</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Fazer ameaças e/ou difamações através da mídia eletrônica/redes sociais.	605	94%
Fazer piadas machistas, sexistas, LGBTFóbicas	604	93%
Utilizar da força física e/ou psicológica para manter relações sexuais	601	93%
Fazer insultos e ofensas que humilhem a pessoa	594	92%
Colocar as mãos em diferentes partes íntimas do corpo de outra pessoa ou forçar a beijar ou a tocar, contra a sua vontade	592	91%
Desqualificar ou desvalorizar a pessoa	588	91%
Agredir ou ferir fisicamente a pessoa	588	91%
Intimidar e ameaçar a pessoa	583	90%
Atirar objetos ou empurrar violentamente a pessoa	579	89%
Perseguir insistentemente a pessoa	577	89%
Impor uma maneira de se vestir, se pentear ou se comportar em público	567	88%
Fazer observações/comentários desagradáveis sobre a aparência física	561	87%
Fazer telefonemas, enviar e-mails, mensagens nas redes sociais, cartas mal intencionadas ou notas insistindo em manter uma relação com a pessoa	553	85%
Menosprezar a pessoa	546	84%
Impedir que a pessoa fale com outras pessoas	529	82%
Controlar com quem a pessoa anda e com quem a pessoa está	528	82%

Esta questão foi elaborada para obter respostas em caixa de seleção, portanto, respondentes poderiam indicar mais de uma alternativa como resposta. Chama a atenção que acima de 90% assinalaram as seguintes situações: “Fazer ameaças e/ou difamações

através da mídia eletrônica/redes sociais”; “Fazer piadas machistas, sexistas, LGBTfóbicas”, “Utilizar da força física e/ou psicológica para manter relações sexuais”, “Fazer insultos e ofensas que humilhem a pessoa”, “Colocar as mãos em diferentes partes íntimas do corpo de outra pessoa ou forçar a beijar ou a tocar, contra a sua vontade”, “Desqualificar ou desvalorizar a pessoa”, “Agredir ou ferir fisicamente a pessoa” e “Intimidar e ameaçar a pessoa”.

Observa-se que as respostas contidas na Tabela 1 foram registradas tanto por estudantes do sexo masculino quanto do sexo feminino. Contudo, acrescenta-se que mesmo sem estratificar as respostas obtidas apenas pelas jovens estudantes, ressaltamos que estas compõem uma porcentagem expressiva (71%) de respondentes.

No destaque para os resultados obtidos para essa questão, chama a atenção que estudantes entendem a violência de gênero (tabela 1) com fatores associados à comportamentos abusivos expressos em suas múltiplas faces: insultos, xingamentos, ameaças e demais formas de agressões simbólica, moral, sexual ou física, dentre outras. Sobre as piadas machistas e sexistas, vale lembrar que estas colaboram para reforçar a ideia de que toda a mulher deseja a atenção masculina, a qualquer preço, e que suas negativas são “pro forma”, podendo ser desconsideradas (MIGUEL, 2013).

Quando se escancara essa visão em números, Jagar e Bordo (1997) afirmam a necessidade urgente de um discurso político eficaz sobre o corpo feminino adequado a uma análise dos caminhos insidiosos e muitas vezes paradoxais do moderno controle social para poder levar a mudança de paradigma. Pois o “corpo” enquanto tema central de ataque e subjugação, acaba sendo o suporte no qual são produzidas as diferenças simbólicas de violência de gênero.

Outra questão formulada, consistiu em identificar uma situação de violência gênero ocorrida no âmbito universitário: 55% dos respondentes já identificaram alguma situação, conforme gráfico 1.

**Figura 1:** Gráfico funil para ilustrar o quantitativo das situações identificadas que tenham ocorrido ou acontecido entre pessoas do âmbito universitário (estudantes, professores, pessoal da administração e serviços, pessoal de serviços terceirizados).



É possível notar que “piadas com conotações sexistas, machistas e LGBTfóbicas, “comentários sexistas sobre a capacidade intelectual das mulheres ou seu papel na sociedade” e “comentários desagradáveis sobre a forma de se vestir” lideram o quantitativo da distribuição de situações que são identificadas no ambiente da universidade.

Para a indagação sobre identificação situação de violência gênero ocorrida no âmbito universitário (FIGURA 1), revela-se, no ambiente universitário, a persistência da violência simbólica, conceito cunhado por Pierre Bourdieu (1999, p. 7):

é uma violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas

vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento.

Contudo, é possível observar pelo percentual expressivo das respostas que indicam a percepção desses constrangimentos (a circulação de piadas carregadas com conotação sexista, os comentários que desqualificam intelectualmente as mulheres e aqueles que se dirigem à forma de se vestir), indícios de que essa violência “doce e quase sempre invisível” ou “a submissão encantada” (BOURDIEU, 1999, p. 47 e p. 53) são questionadas, ainda que as condições sejam impostas sutilmente (e às vezes nem tanto) no ambiente universitário.

Vale destacar que a desqualificação sobre a capacidade intelectual das mulheres é recorrente em estudos que se dedicam a explorar os motivos para a pouca presença de mulheres nas carreiras científicas e tecnológicas. Lindamir Salet Casagrande (2011, p. 58), ao analisar os motivos para a pouca presença de mulheres nas carreiras científicas e tecnológicas, cita Valerie Walkerdine (1995), “afirmar que as meninas e mulheres são ruins de raciocínio matemático, no argumento de Walkerdine, significa dizer que elas permanecem ‘presas no interior de uma série de ficções e fantasias que consiste em mantê-las seguras como mães.” Assim, a violência simbólica contribui para a manutenção desta situação.

Por fim, constou do questionário, pergunta sobre “ter sofrido violência de gênero nas dependências na universidade”: 23% sinalizaram de forma positiva e em sua maioria (87%) identificou o agressor como sendo do sexo masculino. Incluso nessa questão, constava uma pergunta sobre encaminhar ou não à violência para algum órgão da universidade: 81% dos estudantes não reportam a violência sofrida para qualquer órgão da universidade.

De forma aberta, respondentes também relataram o (s) motivos que levavam a não reportar a violência sofrida. Dentre as respostas obtidas, indicamos as expressões mais frequentes: “medo de

retaliações”, “medo do agressor”, “medo de perseguição”, “medo de exposição” e vergonha, como: “vergonha pela possível exposição”, “vergonha, insegurança e falta de apoio”, “medo e vergonha”. Diante destes relatos é plausível inferir que a ausência de notificação das violências se desdobra em falta de punições às pessoas envolvidas.

Se a violência sofrida não precisa ser física, aquela que deixa marcas no corpo, e no caso da violência simbólica, em que o próprio indivíduo tem receio de ser punido/excluído socialmente e desenvolve uma auto vigilância de suas ações, o fato de não haver notificação e reporte da violência sofrida por medo compõe a chamada cultura do silenciamento e do medo como práxis em um ambiente social ou institucional de violência (GAVIRIA, 2008).

### **Considerações finais**

De modo sumarizado, esses resultados nos oferecem um panorama que corrobora com a primeira pesquisa nacional (DATA POPULAR/AVON, 2015), e revelam a existência de práticas machistas, sexistas, que produzem e reproduzem discriminação e violência de gênero no ambiente universitário, contra mulheres, em sua maior parte, mas também contra aqueles e aquelas que não se conformam às regras e aos padrões de gênero codificados como “masculino” e “feminino”. Por sua vez, são expressivos os relatos sobre o medo de denunciar as violências sofridas nas dependências da universidade. Não obstante, este silêncio e o medo das vítimas acaba protegendo o (a) agressor (a), que segue perpetuando o comportamento de forma reprisada no ambiente universitário.

Em suma, para finalizar a exposição desses resultados preliminares, na qual transcendemos para além do enfoque de um estudo quantitativo, com exposição dos números envolvidos nesse cenário e um diálogo à luz da literatura científica sociológica, buscando desvelar este complexo problema social da violência de gênero no âmbito universitário. Discorreu-se sobre os resultados

obtidos em relação à violência simbólica (BOURDIEU, 1999), ofensivas e subjugação do “corpo” figurada de violência de gênero (JAGAR; BORDO, 1997), ponderou-se aspectos intrínsecos para a baixa presença de mulheres nas carreiras científicas e tecnológicas (CASAGRANDE, 2011) e interligou-se com relatos sobre medo e silêncio de estudantes, público alvo deste estudo, indicando uma cultura do silenciamento que corrobora com a produção e reprodução da violência (GAVIRIA, 2008).

A indagação que fica é no campo da discussão sobre quais ações para vencer o “medo e o silêncio”? Sem dúvida, cabe destaque a importância da denúncia em nossas reflexões. A esse respeito, é importante enfatizar que a decisão de denunciar é um processo difícil, pois significa o risco de romper com a “família” universitária, com um espírito de “corpo social” essencialmente masculino e com uma rede ativa de favores (de homens e mulheres e de diferentes hierarquias). Um palpite se destaca: os perpetradores podem ficar impunes. Essas inseguranças configuram um silêncio estratégico entre as vítimas. Por isso, é necessário observar possibilidades de novas formas de denúncia pública neste cenário (PRIETO, 2019). Portanto, vencer esse “pacto” silencioso que carrega obstáculos e prejuízos às condições pelas quais passam estudantes nas universidades é um processo complexo, pois delinea-se em um labirinto de “jogos de poder”.

Nesse sentido, também é urgente romper com omissões institucionais e buscar formas de produzir e difundir conhecimentos que permitam “ver o que não se vê” – em que pese ocorrer à vista de todos (as). Assumir que se faz necessário implementação de políticas institucionais com estratégias de combate a violência de gênero no âmbito universitário de forma multidisciplinar e, provavelmente, no caso da universidade em tela, descentralizada entre os campi universitários.

## Referências

- ALMEIDA, Suely de S. Essa Violência mal-dita. In: ALMEIDA, Suely de S. (Org.). *Violência de gênero e políticas públicas*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2007.
- BELLINI, Daniela M. G. *Violência contra mulheres nas universidades: contribuições da produção científica para sua superação* (Scielo e Web of Science 2016 e 2017). 2018. Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9942>>. Acesso em: 10 jul. 2019.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CASAGRANDE, Lindamir Salette. *Entre silenciamentos e invisibilidades: as relações de gênero no cotidiano das aulas de matemática*. 2011. Tese (Doutorado em Tecnologia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/372>>. Acesso em: 13 ago. 2019.
- CRUZ, Elizabete F.; ALMEIDA, Heloisa B. de; LUCAS D'OLIVEIRA, Ana Flávia P.; LIMA, Elizabeth F. de A.; LAGO, Cláudia; MACHADO, Adriana M. Don't stay silent: network of female professors against gender violence at University of São Paulo (USP). *Annual Review of Critical Psychology, Special Issue 'Sex and Power in the University'*, v. 15, p. 223-245, 2018. Disponível em: <<https://discourseunit.com/annual-review/arcp-15-sex-and-power-in-the-university-2018/>>. Acesso em: 12 abr. 2019.
- DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. Violência: um problema global de saúde pública. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 11, p. 1163-1178, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>. Acesso em: 12 nov. 2019.
- DATA POPULAR/INSTITUTO AVON. *Violência contra a mulher no ambiente universitário* 2015. Disponível em: <<http://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/violencia-contra-a-mulher-no-ambiente-universitario-data-popularinstituto-avon-2015>>. Acesso em: 12 maio 2018.

- FABRO, Marcia R. Cangiani; MONTRONE, Aida Vitória G.; PINHO, Camila Almeida; PACCA, Liliane Tiemy Y.; SILVA, Ana Beatriz M. da; FREITAS, Mariana M. de; SILVA, Vivian Parreira da. *Violência de gênero na universidade: saindo da invisibilidade*. Projeto de extensão. UFSCAR. Universidade Federal de São Carlos. Centro de Educação e Ciências Humanas. Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Departamento de Metodologia de Ensino. Departamento de Enfermagem. São Paulo: São Carlos, 2017. (mimeo)
- FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. *Homofobia no Brasil intolerância e respeito às diferenças sexuais*. Notas Metodológicas. Fundação Perseu Abramo/Instituto Rosa de Luxemburgo 2010. Disponível em: <[http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/direitos-sexuais-e-reprodutivos/combate-a-homofobia-discriminacao-por-orientacao-sexual/ Pesquisa\\_LGBT\\_fev09 FUNDPERSEUABRAMO\\_1.pdf](http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/direitos-sexuais-e-reprodutivos/combate-a-homofobia-discriminacao-por-orientacao-sexual/Pesquisa_LGBT_fev09_FUNDPERSEUABRAMO_1.pdf)>. Acesso em: 10 maio 2019.
- GAVIRIA, Margarita R. Controle social expresso em representações sociais de violência, insegurança e medo. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 20, p. 72-107, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>. Acesso em: 08 ago. 2020.
- IASC. COMITÉ PERMANENTE ENTRE ORGANISMOS. *Directrices para la integración de las intervenciones contra la Violencia de Género en la Acción Humanitaria*, 2015. Disponível em: <[https://gbvguidelines.org/wp/wpcontent/uploads/2016/03/2015-IASC-Directrices-VG\\_version\\_espagnol.pdf](https://gbvguidelines.org/wp/wpcontent/uploads/2016/03/2015-IASC-Directrices-VG_version_espagnol.pdf)>. Acesso em: 12 maio 2019.
- JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. *Gênero, corpo, conhecimento*. Tradução de Brítta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1997.
- KRUG, Etienne G.; DAHLBERG, Linda L.; MERCY, Anthony B. Z.; LOZANO, Rafael (edit). Relatório mundial sobre violência e saúde. Genebra: World Health Organization, 2002. p. 380. Disponível em: <<https://opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2019.
- MIGUEL, Luís Felipe. Discursos sexistas no humorismo e na publicidade. A expressão pública, seus limites e os limites dos limites. *Caderno Pagu*, Campinas, n. 41, p. 95-119, jul./dez. 2013.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

NARDI, Henrique Caetano; MACHADO, Paula S.; MACHADO, Frederico V.; ZENEVICH, Letícia. O “armário” da universidade: o silêncio institucional e a violência, entre a espetacularização e a vivência cotidiana dos preconceitos sexuais e de gênero. *Teoria e Sociedade*, Belo Horizonte: UFMG, n. 21.2, p. 179-200, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/revistasociedade/index.php/rts/issue/viewIssue/13/11>>. Acesso em: 13 set. 2017

PERDIGÃO, Ana et al (coord.). *Violência interpessoal*. Abordagem, diagnóstico e intervenção nos serviços de saúde. Lisboa: Direção Geral de Saúde, 2014. Disponível em: <<https://www.dgs.pt/documentos-e-publicacoes/violencia-interpessoal-abordagem-diagnostico-e-intervencao-nos-servicos-de-saude-pdf.aspx>>. Acesso em: 10 out. 2019.

PRIETO, Mercedes. Violencias de género y acoso sexual en las universidades del Ecuador. *Forum Lasa*, 50, Spring, p. 14-17, 2019. Disponível em: <<https://forum.lasaweb.org/>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

R CORE TEAM. *A language and environment for statistical computing*. R. Foundation for Statistical Computing, 2018. Vienna, Austria. Disponível em: <<https://www.R-project.org/>>.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, Patriarcado, Violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>>. Acesso em: 11 jul. 2020.